

Nome próprio e identidade em Marechal Cândido Rondon

(Personal Names and Identity at Marechal Cândido Rondon)

Márcia Sipavicius Seide¹

¹Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e do Colegiado do Curso de Letras –
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

Abstract: This paper shows results of a research about antroponimic choice, which assumes proper names has an associative meaning. This study aims to investigate whether in the Brazilian county Marechal Cândido Rondon personal names are capable to signal identity relations between German and non German cultural community. We analysed a sample of birth records from 1961 to 2001 and observed that there were names indicating identity relations in German cultural community in 1961; these names stopped being used and became typical of elderly people. In the corpus, only four names indicate identity relations. Despite these results, each community uses the same personal names differently as the order of preference can vary.

Keywords: Onomastics; Anthroponomastics; identity.

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a escolha antroponímica que parte do princípio de que os nomes próprios apresentam significado associativo e investiga se, no município de Marechal Cândido Rondon, os nomes próprios de pessoa sinalizam relações identitárias. Analisada uma amostragem de certidões de nascimento de 1961 a 2001, observou-se que havia nomes indicadores de relações identitárias na comunidade de cultura germânica em 1961; caídos em desusos, esses nomes passaram a ser vistos como nomes típicos de pessoas idosas. Em todo o corpus, somente quatro nomes indicam relações identitárias. Não obstante este resultado, há diferenças entre a comunidade de cultura germânica e a comunidade de cultura não-germânica: para nomes usados em ambas, há diferença na posição preferencial em que se encontram.

Palavras-chave: Onomástica; Antroponomástica; identidade.

Introdução

Os resultados apresentados neste artigo estão inseridos num projeto de pesquisa mais amplo que envolveu alunos de iniciação científica cujas pesquisas fizeram parte da investigação. O objetivo do projeto é estudar a antroponímia da região oeste do Paraná, especificamente os municípios de Marechal Cândido Rondon, Toledo, Missal, Palotina e Maripá, uma vez que, até então, não havia nenhuma investigação antroponímica na região. Ao longo do artigo são retomados e sintetizados resultados já publicados (SEIDE; SCHULTZ, 2014; LAUERMANN; SEIDE, 2012; MÜLLER; SEIDE, 2012) e, outros, até agora inéditos, são apresentados, correspondendo ao estado atual da pesquisa.

O município de Marechal Cândido Rondon, localizado no oeste do estado do Paraná, teve sua colonização iniciada em meados na década de 1950. Sua oficialização data de 1961, um ano depois da publicação a Lei Estadual n. 4.245, de 25 de julho de 1960, desmembrando Marechal Cândido Rondon dos municípios de Toledo e Foz do Iguaçu (WEIRICH, 2004, p. 60). “No ano de 1956, havia 95% das famílias alemães, 5% de famílias italianas e luso-brasileiras” (SAATKAMP, 1985, p. 85). Apesar de designar as famílias como sendo alemães ou italianas, é preciso levar em consideração que se trata, na verdade, de pessoas

oriundas dos estados do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina cujos ascendentes, pais ou avôs, eram provenientes da Alemanha ou da Itália.

Questionou-se, inicialmente, se a predominância de famílias de cultura alemã influenciaria o sistema antroponímico da região, isto é, se haveria um padrão designativo típico capaz de estabelecer relações identitárias: se houvesse um conjunto de nomes preferido pela comunidade, portar um dos nomes do conjunto seria um indício de que o portador desse nome pertenceria à comunidade de cultura germânica. Para investigar essa hipótese foi feita uma pesquisa documental no cartório do município: foram coletadas as cem primeiras certidões de nascimento de 1961, 1971, 1981 e 2001. Os dados coletados foram registrados numa ficha antroponomástica com campos abrangendo todas as informações disponíveis nas certidões, com inclusão dos nomes dos pais e dos avôs dos registrados.

Stuart Hall (2007) traçou um histórico dos conceitos de identidade cultural: no início, a noção de identidade era cartesiana e fixa, o indivíduo era visto como alguém dotado de uma identidade que permanecia estável ao longo da vida; depois a identidade passou a ser vista sob um viés sociológico, como fruto do julgamento de outrem a respeito do indivíduo, portanto estabelecida dialogicamente, pela interlocução. Na pós-modernidade, a identidade é vista como múltipla e instável, uma mudança que foi acelerada pelo recente processo de globalização (HALL, 2007). Neste estudo, a identidade é concebida tanto como uma característica que o designador acredita atribuir ao filho mediante a escolha de determinado nome quanto o resultado da avaliação feita por outrem a partir de associações entre o nome e seu portador, entendendo-se o nome enquanto marcador social.

Cumprе esclarecer que a hipótese de nomes próprios poderem estabelecer relações identitárias está respaldada, teoricamente, pela assunção de que tais nomes apresentam significados associativos, tese defendida por Willian von Langendonk (2007, p. 81 e seguintes). Os significados associativos estão relacionados às conotações que podem ser atribuídas ao nome próprio, quer em virtude de sua forma, quer em decorrência de um conhecimento discursivo ou enciclopédico sobre o portador do nome. O conhecimento discursivo de um nome próprio pode ser entendido, segundo Gary-Prieur, como um conjunto de propriedades atribuídas ao referente inicial de um nome próprio num universo de crenças, assim, Napoleão, por exemplo, pode apresentar, num determinado contexto, como uma de suas características, a de ter sido o perdedor de Waterloo, mas, em outro, apresentar a característica de ter sido um herói (GARY-PRIEUR, 1994, p. 51 apud LANGENDONK, 2007, p. 82).

A capacidade que tem um nome próprio de ativar conotações ou significados associativos, por sua vez, pode ser explicada pela Teoria da Relevância, a qual propõe que tanto o conhecimento discursivo a que se refere Gary-Prieur como o conhecimento enciclopédico estão localizados no componente enciclopédico, o qual faz parte daquilo que é acessado, na mente, mediante uma entrada lexical. Uma síntese dessa teoria e um exemplo de aplicação dela ao estudo dos nomes próprio, ambos apresentados em comunicação oral em evento nacional (SEIDE; SCHULTZ, 2014), é feita a seguir, com o intuito de explicitar os fundamentos teóricos nos quais a pesquisa está embasada.

Conforme a Teoria da Relevância quando o conteúdo de uma elocução é recuperado, isso se dá mediante os seguintes processos, não necessariamente sucessivos: a) as palavras que as constituem são identificadas; b) os conceitos associados às palavras são recuperados; c) regras de dedução que se encontram associadas às suas entradas lógicas são aplicadas (SPERBER; WILSON, 2001, p. 149).

Nessa teoria, os conceitos são definidos como objetos psicológicos de natureza abstrata localizados num endereço da memória, “um título sobre o qual podem ser armazenados e recuperados vários tipos de informação” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 144). Arquivadas nesse endereço estão três entradas distintas: a lógica, a lexical e a enciclopédica (SPERBER; WILSON, 2001, p. 153). A primeira consiste em regras de dedução, a segunda responde pelas informações gramaticais de uma palavra como gênero, número, fonemas que a compõem e algumas regras combinatórias, e a terceira, mais interessante para o estudo dos nomes próprios, abarca tudo o que o indivíduo sabe “sobre a extensão e/ou denotação do conceito: isto é, sobre os objectos, acontecimentos e/ou propriedades que o representam” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 144).

Sobre a entrada enciclopédica, é importante ressaltar que se trata de uma classe aberta em contínua expansão, já que as vivências e as atividades discursivas e interpretativas nas quais o indivíduo se envolve sempre vão acrescentando informações novas: “não existe altura nenhuma em que se possa dizer que esteja completa uma entrada enciclopédica, não existe qualquer mínimo essencial com o qual se possa dizer que foi completamente dominado o conceito que lhe está associado” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 147).

O caso de PC, paciente italiano estudado por Semenza e Settin (1988, apud LANGENDONCK, 2007), encaixa-se perfeitamente na possibilidade descrita por Sperber e Wilson (2001). O paciente conhece os portadores dos nomes próprios e correlaciona corretamente as descrições definidas que podem ser atribuídas a cada portador. Essas habilidades indicam a existência e integridade das entradas enciclopédicas. Com relação às entradas lexicais, elas não foram preservadas, o que se comprova por sua incapacidade de lembrar o nome do examinador. Os conceitos existem, mas a ausência de entradas lexicais para eles impede que os nomes próprios sejam recuperados da memória. Contudo, quando o sobrenome é homônimo a um nome comum, a recuperação não é impossível uma vez que o conceito e todas as entradas relativas aos nomes comuns não sofreram dano, isto é, os endereços correspondentes aos nomes comuns foram totalmente preservados. O fato de haver preservação dos nomes comuns, mas não dos nomes próprios, é uma forte evidência de que eles não são acessados de modo idêntico, se bem os processos sejam, em grande parte, semelhantes.

Um exemplo não patológico de processamento do endereço relacionado ao portador de nome próprio presente numa elocução é fornecido pelos próprios proponentes da Teoria da Relevância. Cumpre advertir que o exemplo por eles fornecido é aqui re-analisado, enfatizando-se a parte relativa ao portador do nome próprio, uma vez que os autores não tinham em mente, em sua obra, analisar os nomes próprios.

(01) Maria: Aquilo que eu gostaria de comer esta noite era um ossobuco.

Pedro: Tive um dia esgotante. Estou cansado. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 225)

A decodificação do enunciado de Pedro por Maria forma um contexto cognitivo inicial: “(a) O Pedro está cansado. (b) Se o Pedro está cansado, gostaria que a Maria fizesse o jantar. (c) O Pedro gostaria que a Maria fizesse o jantar.” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 225). Esse contexto inicial é ampliado mediante adição de outras informações conhecidas por Maria, entre elas, as seguintes: “Porção 1. Informações enciclopédicas sobre o Pedro, incluindo a suposição: Pedro é cirurgião [...] Porção 6. Informações enciclopédicas sobre cirurgia (SPERBER; WILSON, 2001, p. 226). Para melhor entendimento da análise, é

preciso esclarecer que a ampliação do contexto inicial é feita com base no conhecimento de mundo do interpretante, trata-se de informações que não costumam estar expressas, mas sim subentendidas, de modo que não é possível deduzi-las somente a partir do contexto inicial gerado com base na decodificação linguística. Ativadas essas informações, Maria pode dar continuidade ao diálogo e dizer:

(02) Maria: Se estás cansado, farei o jantar. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 226)

Sua resposta indica que ela chegou à conclusão de que Pedro está impossibilitado de fazer o jantar. Para chegar até ela, Maria pode ter deduzido (com base em seu conhecimento de mundo) que Pedro fez um implante coronário e, portanto, está exausto. Sendo assim, houve extensões adicionais do contexto: a porção nove, assim descrita: “Porção 9. As informações enciclopédicas sobre um implante coronário, incluindo a suposição: *Fazer um implante coronário é esgotante*” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 226).

Maria, ao dialogar com Pedro, ativou, em sua memória, as entradas enciclopédicas relativas a ele. Considerando a possibilidade, evidenciada por Reicheler-Béguelin (1995), de definições enciclopédicas serem transformadas em descrições definidas, é plausível pensar que a estocagem de informações se dá por essa via resultando no pareamento entre nomes próprios e as informações fornecidas mediante descrições. No caso em questão, há, de um lado, o nome próprio Pedro e, de outro, entre outras, a descrição: o cirurgião que costuma fazer implantes coronários. Há o endereço do conceito “Pedro”, que remete à entrada lógica, à lexical e à enciclopédica, possivelmente organizada e expressa por descrições definidas.

Tendo por base a assunção de que os nomes próprios apresentam significados associativos os quais podem ser ativados no processo interpretativo dos enunciados dos quais os nomes próprios fazem parte, a hipótese inicial da pesquisa relaciona nome próprio e identidade da seguinte maneira: havendo correlação entre prenome e sobrenome, ao ouvir o primeiro, um membro da comunidade supõe que o portador do nome deva ter um sobrenome de certa origem etimológica ou étnica e fazer parte da comunidade que compartilha essa origem ou cultura. Cumpre ressaltar que outras associações são possíveis, como, por exemplo, havendo associação entre certos prenomes e dada faixa etária, o membro da comunidade, ao ouvir certo nome, suporia a faixa etária de seu portador. Da mesma forma, havendo correlação entre prenomes e nível socioeconômico, pode-se supor a classe social do portador de determinado nome. A hipótese de, para os munícipes de Marechal Cândido Rondon, haver correlação entre prenome e sobrenome resultando em relações identitárias, no sentido de o primeiro identificar a comunidade do portador, confirmando as informações etimológicas ou étnicas do sobrenome, é a seguir investigada, com base em análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados.

Análise dos dados

Análise da hipótese inicial da pesquisa: há nomes indicadores de relações identitárias na comunidade germânica do município?

Sabendo-se, de antemão, que a maioria dos munícipes apresenta ascendência alemã, foi investigado se haveria ou não um conjunto de nomes preferencial nessa comunidade.

Num primeiro momento, foi feita uma análise quantitativa de uso dos prenomes dos registrados em todas as fichas coletadas da qual resultaram os nomes mais frequentes no *corpus* como um todo, considerando-se a posição relativa de cada um, segundo o número de ocorrência, separando-se os nomes femininos dos masculinos, conforme mostram as tabelas 1 e 2 (em anexo).

Em seguida, foi realizado um estudo dos nomes mais frequentes na comunidade de cultura germânica, para, então, via comparação dos elencos, descobrir se havia prenomes preferencialmente utilizados por descendentes de alemães. Nessa etapa da pesquisa os nomes duplos foram cingidos, motivo pelo qual o número de prenomes não é igual ao número de portadores. Além disso, para elaboração dessas tabelas, haja vista a dispersão de nomes, considerou-se, além do número de ocorrência, a quantidade de nomes em cada posição. Na Tabela 3 (em anexo), havendo muitos nomes femininos com duas ocorrências, foram incluídos nomes de frequência igual ou maior que três; na Tabela 4 (em anexo), foram registrados os nomes masculinos com ocorrência igual ou maior que quatro, havendo muitos nomes com frequência igual a três. Adotando esses procedimentos foi possível elencar os nomes de fato preferenciais em cada conjunto.

Para atender a esse critério, é preciso que o prenome se destaque entre os demais, que a ele tenha sido dada primazia, o que foi observado quando não havia um número muito grande de itens distintos numa mesma posição relativa. Esse é o motivo por que há mais posições numa tabela que em outra.

Antes de fazer o comparativo entre as tabelas, é importante informar que nomes com sobrenome de origem polonesa foram incluídos na comunidade de cultura germânica, haja vista que os habitantes do município que portam sobrenomes etimologicamente poloneses se consideram alemães. Cumpre informar, a esse respeito, que os portadores de sobrenome polonês, especialmente os nascidos na década de 1960 ou antes, ainda falantes de polonês, foram aculturados para serem aceitos pela comunidade de cultura germânica.

A discriminação aos de origem polonesa, na região, foi evidenciada por entrevistas com seis famílias polonesas em pesquisa etnográfica realizada na região Oeste do Paraná, mais precisamente no distrito de Margarida:

[...] ao narrarem a vinda deles para o oeste do Paraná, foram ver as terras nos municípios de Maripá, depois em Nova Santa Rosa. Neste último município (a colonização se deu principalmente com imigrantes e descendentes de alemães), foram discriminados pelos descendentes de alemães quando quiseram comprar terras. Estas três famílias, em momentos diferentes da entrevista, disseram que segundo a fala de um alemão, de Nova Santa Rosa, “*polaco, aqui, não*”. Assim também em enunciações posteriores, um pioneiro de Linha Palmital de Vila Margarida, afirmou que em uma determinada situação de compra de rama de mandioca, teve que se identificar como descendente de alemães para poder efetuar a mesma. Disse ainda que a discriminação ao polonês vem de rixas antigas, de origem europeia, ocorrendo ainda hoje na Vila [...] (BORSTEL, 2005, p. 4)

A aculturação dessa comunidade minoritária na região e sua estigmatização ficam evidentes no trecho de entrevista parafraseado a seguir, ocorrida em contexto escolar, com adolescentes. Percebe-se, no trecho, a autoinclusão do sujeito na comunidade de cultura germânica, a despeito da origem etimológica do sobrenome de que o jovem é portador: “Para um aluno com traços fortes de polonês a investigadora perguntou: “Você não tem

sobrenome polonês?”, o aluno respondeu imperativamente: “Eu não!?, Eu sou alemão.”, apontando para o colega disse: “Ele que é polaco, professora” (BORSTEL, 2005, p. 4). Respeitando as características sociológicas da região, as fichas com sobrenomes poloneses foram incluídas na categoria da comunidade de cultura alemã.

A análise dos dados seguiu um raciocínio distributivo: se dado nome fosse particularmente frequente apenas na comunidade germânica, poder-se-ia concluir que esse nome estabelece uma relação de identidade, isto é, portar esse nome seria um indício de pertencer à comunidade germânica. Se o nome fosse igualmente frequente na comunidade não germânica, esse seria um indício de que o nome não estabelece uma relação identitária.

Outro procedimento metodológico adotado foi o de não se considerar o número de ocorrência isoladamente. Um mesmo número de ocorrência de um nome tem significado diferente para cada comunidade; haja vista que a comunidade de cultura germânica corresponde a 75% do *corpus*, eram esperados valores frequenciais maiores que os obtidos na comunidade não germânica. Dada essa disparidade, e para não precisar recorrer a cálculos estatísticos complexos, preferiu-se analisar os dados numéricos relativamente, levando-se em conta a posição relativa de cada nome por comunidade.

Com relação aos nomes femininos, há manutenção dos nomes em primeira e segunda posição, indicando que em ambas as comunidades, a do município como um todo e a formada por pessoas que compartilham a cultura germânica, são prenomes igualmente utilizados, motivo pelo qual os nomes *Maria* e *Cristina* não estabelecem relações identitárias. Na terceira posição, há em comum os nomes *Aline* e *Jéssica*, que também não estabelecem tais relações. O nome *Patrícia* ocupa a terceira posição no município como um todo e a quarta posição na comunidade germânica, indicando ser o nome mais utilizado entre os que não compartilham a cultura germânica. O nome *Aparecida*, por sua vez, surge como preferencial apenas no *corpus* total, sua não utilização na comunidade de cultura germânica indica ser esse nome estabelecedor de relações identitárias, pois sugere que seu portador não pertence à comunidade de cultura germânica. O nome *Regina*, por sua vez, por ser utilizado, com exclusividade, na comunidade de cultura germânica, indica pertença a essa comunidade.

Os nomes masculinos apresentam menos disparidade, havendo divergência, apenas, para os nomes *Jair* e *Pedro*, mais utilizados na comunidade de cultura germânica: ocupam, nessa comunidade, a segunda posição, mas, no *corpus* total, estão, respectivamente, na quarta e na quinta posições.

Com base nesses resultados, foi possível concluir que, enquanto *Jair* e *Pedro* indicam provável ascendência germânica, *Aparecida* indica não pertença a essa ascendência. *Regina*, por fim, indica ascendência germânica. A existência desses nomes mostra que a hipótese inicial, se bem não possa ser negada, não é significativa, haja vista a escassez de nomes indicadores de relações identitárias. Essa conclusão deu ensejo a outra hipótese: a de ter havido, inicialmente, nas famílias pioneiras, uma frequência maior de prenomes germânicos os quais teriam se tornados obsoletos em decorrência de atitudes de nomeação inovadoras por parte dos pais.

Para testar a validade da segunda hipótese, os dados relativos à primeira década foram analisados exaustivamente, tendo sido levados em consideração todos os nomes da ficha; com isso, pretendeu-se chegar a uma caracterização do padrão designativo das famílias pioneiras do município para, então, haver um parâmetro comparativo para análise das

décadas posteriores: essa caracterização inicial tornou possível averiguar em que medida a comunidade é tradicional ou inovadora na escolha antroponímica e se houve, inicialmente, prenomes indicadores da ascendência germânica.

Uma análise preliminar das fichas de 1961 indicara ocorrências de correlação entre o prenome e o sobrenome (SEIDE; SCHULTZ, 2014). Um exemplo de correlação entre primeiro nome e sobrenome pôde ser encontrado nas escolhas antroponímicas do lado paterno da família de *Odemar Wilhelms*, registrado em janeiro de 1961. Seu pai se chamava *Evaldo Wilhelms*, seu avô paterno, *Albino Wilhels*, sua avó materna, *Ludimila Joana Wilhelms*. Informações extraídas da obra lexicográfica de nomes e sobrenomes de Guérios (1981) indicaram, para todos os primeiros nomes, origem germânica (p. 189, 114, 51 e 165, respectivamente). Sendo o sobrenome também de origem germânica, essa correlação pode fazer parte do componente enciclopédico compartilhado pela comunidade. Sendo assim, quem reconhece a natureza germânica do primeiro nome pode inferir que seu portador faz parte da população de ascendência “alemã”, antes mesmo de saber seu sobrenome.

Outra ficha, embora um pouco controversa do ponto de vista etimológico, apontou para uma correlação indicadora de ascendência italiana, também por parte paterna. *Venice Rambo* foi registrada em dezembro de 1960; seu pai se chamava Lauro Rambo, seu avô paterno, *José Remmo Rambo*, e sua avó paterna, *Nicolina Guilhermine Rambo*. Os nomes *Lauro* e *Nicolina* são, segundo Guérios (1981, p. 159 e 186), de origem italiana, já *Venice*, também presente no segundo nome de sua avó paterna, remete à forma latina *Venicus*, indicada pelo autor como latina (p. 181). Ainda que menos evidente, essa correlação pode ser indicadora de que, em Marechal Cândido Rondon, a combinação de nomes latinos e sobrenomes italianos são indícios de que o portador do nome é de origem italiana.

Pareceu reforçar a hipótese de existência de padrões combinatórios indicadores de relações identitárias no *corpus* o contraste com dados de famílias que não têm ascendência nem italiana nem alemã, mas sim luso-brasileira. *Celso Adão Cordeiro da Silva* foi registrado em fevereiro de 1961. Seu pai se chamava *José Cordeiro da Silva*, sua mãe se chamava *Alexandrina Maria da Silva*, os avôs paternos se chamavam *José Cordeiro da Silva* e *Julia Ferreira Lorleiro*. Os avôs maternos se chamavam *Antonio Alexandre do Nascimento* e *Maria de Luiz Nascimento*. Exceto *Lorleiro*, os demais sobrenomes são de origem lusitana, segundo atesta Guérios (1981, p. 95, 226, 120, respectivamente) e a maioria dos nomes são nomes tradicionais em Portugal e no Brasil, como é o caso de *Antonio*, *José* e *Maria*.

Como a questão inicial era sobre a existência de um padrão na comunidade de cultura alemã, os dados de 1961 foram separados segundo a origem do sobrenome, considerando todos os sobrenomes existentes em cada ficha em três categorias: sobrenomes ítalos, sobrenomes germânicos (com inclusão dos poloneses) e sobrenomes híbridos (italiano e germânico; italiano e luso-brasileiro, etc.).

Feito esse esclarecimento, descrevem-se, a seguir, os resultados da pesquisa feita com os dados oriundos das certidões de 1961 com auxílio das alunas de iniciação científica que também fizeram a coleta dos dados e a constituição do *corpus*: Gabriela Cristina Lauérmann, Maria Fernanda Müller e Patrícia Helena Frai.

A primeira aluna citada ficou incumbida da tarefa de categorizar e analisar as fichas com sobrenomes relacionados à comunidade germânica. Das 100 coletadas, 74 estavam nessa categoria; havia, no total, 140 sobrenomes diferentes e 480 prenomes. Cumpre esclarecer

que foram contados como distintos nomes que apresentavam variação gráfica ou ortográfica, tanto nos prenomes, como em *Ana* e *Anna*, quanto nos sobrenomes, como em *Sommerfeldt* e *Sommerfelt*. Observou-se, também, que 84 nomes foram utilizados duas ou mais vezes (LAUERMANN; SEIDE, 2012, p. 6). Os nomes mais frequentes e preferenciais estão visualizados nas tabelas 5 e 6 (em anexo).

Os prenomes foram analisados etimologicamente com base na obra lexicográfica de Guérios (1981) e em dicionários de nomes e sobrenomes disponíveis *on-line* (RUI, 2012; DICIONARIO de nomes próprios, 2012; A ORIGEM dos nomes, 2012). Verificou-se ser de origem latina 21,87% do *corpus*; de origem hebraica, 15,62% do *corpus*; 36,25% do total do *corpus*, de origem germânica. Com base nesses resultados, foi possível concluir que havia, uma correlação, no que toca às origens dos antropônimos, entre o prenome e o sobrenome nas famílias pioneiras de cultura germânica (LAUERMANN; SEIDE, 2012, p. 9).

A segunda aluna estudou a comunidade de cultura italiana, e verificou, com relação à essa comunidade, “incidência menor de nomes de origem ítala, e que, frequentemente, famílias italianas, por parte da mãe, em união com a família do pai alemã, predominaram a escolha do nome de origem alemã” (FRAI; SEIDE, 2012, s/p).

A terceira aluna citada ficou a cargo dos dados relativos às famílias híbridas e/ou de outras origens. Antes de iniciar sua análise, ela apresentou dados que comprovam as características demográficas da região em tela: das naturalidades informadas, duas para cada ficha, “30 (trinta) apontam para famílias vindas do estado de Santa Catarina e um total de 159 (cento e cinquenta e nove) do Rio Grande do Sul, outras 10 (dez) são do próprio estado do Paraná e apenas 1 (uma) vem de São Paulo” (MÜLLER; SEIDE, 2012, p. 8).

De todas as famílias constantes nas certidões de nascimento, apenas 14 eram híbridas ou não tinham ascendência italiana. Nas fichas, havia registro de 15 sobrenomes luso-brasileiros, 6 sobrenomes italianos 6 sobrenomes alemães e 1 sobrenome polonês. Tendo havido casamentos mistos, houve miscigenação entre as famílias. Analisados todos os nomes e sobrenomes etimologicamente, com base em Guérios (1981) e em Oliver (2005), chegou-se à seguinte conclusão:

[...] quando as miscigenações envolvem a etnia germânica, vários são os nomes relacionados a ela, o que não podemos observar nas demais miscigenações, ou seja, entre as outras etnias, que não alemãs, a correlação étnica entre os nomes e os sobrenomes é mínima, temos apenas um caso, da miscigenação entre uma família italiana com uma luso-brasileira, que escolheu o nome *Carlos*, que, apesar da etimologia alemã, tem sua história na antroponímia italiana. (MÜLLER; SEIDE, 2012, p. 12)

Hipóteses sobre as características do sistema antroponímico na comunidade germânica: tradicional ou inovador?

Com base nesses dados, foram levantadas as seguintes hipóteses: ser o sistema antroponímico da comunidade germânica conservador; ser o sistema inovador ou haver coexistência de aspectos inovadores e de aspectos conservadores no sistema antroponímico da comunidade germânica. Se o sistema é conservador é de se esperar que os nomes mais frequentes nas famílias que registraram seus filhos em 1961 tenham se tornado nomes tradicionais, isto é, que continuem sendo utilizados pela população, ainda que com oscilações na frequência. Caso seja inovador, espera-se a descontinuidade do uso desses nomes, a

adoção de outros e o registro de fenômenos antroponímicos observados em outras regiões do Brasil, como, por exemplo, o aumento de registros de nomes com variação gráfica ou ortográfica. Na hipótese de haver tanto aspectos inovadores quanto aspectos tradicionais, os resultados esperados são de ambas as tendências ora descritas estarem presentes nos dados coletados.

Nessa etapa de investigação, foram levados em consideração os nomes completos dos registrados em todas as décadas (1961, 1971, 1981, 1991 e 2001) cujo sobrenome caracterizava o portador como fazendo parte da comunidade germânica. Primeiro foi feito um estudo quantitativo para se saber a frequência de cada prenome. Foi verificado, então, se os nomes mais frequentes nas famílias germânicas em 1961 tornaram-se ou não tradicionais. Os resultados estão visualizados nas tabelas 5 e 6 (em anexo). Cumpre esclarecer que a terceira coluna informa se o prenome foi utilizado apenas em 1961 ou se houve registros após essa data.

Os dados da Tabela 05 mostram que, com relação aos nomes femininos, a comunidade germânica é bastante inovadora, pois, dos seis nomes mais frequentes nas famílias, apenas um continuou a ser utilizado, mesmo assim, não mais como primeiro nome. Essa mudança aponta para uma maior utilização de nomes compostos, fenômeno a ser analisado em outra ocasião. O nome *Emilia* foi registrado, exclusivamente, com nome de avó de nascido em 1961. Os nomes *Ana e Olga*, com exceção de dois casos para cada, em que nomeava mãe de nascido em 1961, no universo pesquisado, esteve presente apenas como nome de avó de pessoa nascida em 1961. O nome *Rosa*, por sua vez, nomeou tanto mães quanto avós. O nome *Vilma*, por fim, foi mais frequente como nome de mãe (5) do que como nome de avó (3) de nascidos em 1961.

Esses dados mostram uma forte correlação entre nome e faixa etária, indicando nomes atualmente em desuso, associados a antepassados falecidos e nomes que, hoje, são associados às gerações mais velhas. A seguir, são descritos os fenômenos observados para os nomes masculinos.

Os dados relativos aos nomes masculinos da Tabela 6 evidenciam que a comunidade germânica é relativamente mais conservadora na escolha dos nomes masculinos, já que, proporcionalmente, houve mais manutenção de prenomes (2 para 7 prenomes masculinos *versus* manutenção de 1 para 6 em prenomes femininos), possibilitando concluir pela existência de dois nomes potencialmente tradicionais na comunidade: *Pedro e José*. A utilização de nomes compostos também foi observada nos nomes masculinos, motivo pelo qual é necessário fazer uma análise mais aprofundada desses nomes, a ser apresentada em outra ocasião. A análise do comportamento dos nomes mais frequentes nas famílias pioneiras de cultura germânica ao longo do *corpus* mostrou, portanto, que, de modo geral, a atitude da comunidade é inovadora, se bem as inovações sejam mais frequentes para os nomes femininos.

A tendência inovadora da comunidade de cultura germânica para nomes femininos foi comprovada por ter havido continuidade de uso de apenas um nome: *Maria*. Para os nomes masculinos, a comparação da Tabela 6 com a Tabela 4 indica, para o prenome *Carlos*, um comportamento semelhante ao verificado para o prenome *Ana*. Em 1961, o nome estava entre os mais utilizados nas famílias de cultura germânica, não sendo mais utilizado pela comunidade desde então. Na população geral, contudo, continuou a ser usado, ocupando a terceira posição entre os prenomes preferidos. Em contraste com a Tabela 6, a Tabela 4

indica a adoção de novos prenomes, atestando a atitude inovadora para nomes masculinos, ainda que em menor grau. Fica assim, confirmada, a segunda hipótese levantada: em vez da existência de muitos nomes estabelecadores de relações identitárias, há, na comunidade de cultura germânica, nomes associados à faixa etária que remetem à geração dos pais e dos avôs das famílias pioneiras.

Considerações finais

Iniciou o presente estudo a apresentação de uma definição de nome próprio de pessoa que inclui o significado associativo, seja ele decorrente de sua forma (características fonéticas, morfológicas, etc.), seja por conhecimento de seu portador (características que podem ser conhecidas ou supostas). Esse conhecimento de natureza enciclopédica, segundo a Teoria da Relevância, faz parte do componente lexical do conceito atrelado ao nome próprio, conceito que é um objeto psicológico do qual o componente lexical e o componente lógico também fazem parte.

A primeira hipótese de pesquisa previa que a preferência por determinados nomes da comunidade de cultura germânica poderia originar um significado associativo pelo qual seria possível prever, a partir do prenome, se o portador pertence ou não à comunidade. Analisados os dados, apenas quatro nomes estabelecadores de relações identitárias foram encontrados. Haja vista esse resultado, outra hipótese foi postulada e, depois, confirmada. Os nomes germânicos eram usados nas famílias pioneiras de cultura germânica, porém, ao longo dos anos, deixaram de ser usados. Esses nomes, caídos em desuso, passaram a ser vistos como nomes típicos de determinada faixa etária. Cumpre ressaltar que, em ambos os casos, trata-se de uma carga semântica associada aos nomes próprios. Conforme o viés adotado, essa carga semântica faz parte do significado dos nomes próprios de pessoa, sendo informações que enriquecem o componente enciclopédico desses itens lexicais, em decorrência do pareamento entre conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, conforme defende a Teoria da Relevância.

Dado o objetivo deste artigo, contudo, não foi possível analisar outros dados também merecedores de estudo e análise, entre outros, a utilização de variantes ortográficas e de nomes compostos, fenômenos a serem investigados e analisados em outra ocasião. Mesmo que limitado, o estudo ora apresentado é um dos primeiros a tratar da antroponímia de Marechal Cândido Rondon. Quando houver resultados semelhantes sobre outros municípios da região do oeste do Paraná, os resultados aqui apresentados poderão ser comparados àqueles que serão obtidos em outras localidades (há pesquisas em desenvolvimento sobre a antroponímia de Toledo, de Palotina e de Maripá).

REFERÊNCIAS

A ORIGEM dos nomes. Disponível em: <<http://www.iremar.com.br/nome/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

BORSTEL, Clarice Nadir Von. O conflito étnico/cultural e interlinguístico de descendentes de poloneses. *Espéculo*. Revista de estudos literários, Universidad Complutense de Madrid,

p. 1-16, 2005. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html>>. Acesso em: 17 maio 2013.

DICIONÁRIO de nomes próprios. Disponível em: <<http://www.dicionariodenomespropios.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

FRAI, Patrícia Helena; SEIDE, Márcia Sipavicius. Existe influência entre a escolha do primeiro nome e sobrenome de pessoas pertencentes à comunidade italiana vinda em 1961 durante a colonização de Marechal Cândido Rondon? In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM e SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 3., 2012, Cascavel-PR [comunicação oral].

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981. 267p.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006 [1992]. 102p. Versão escaneada em 28 páginas disponível em: <www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc>. Acesso em: 17 jul. 2007.

LANGENDONK, Willian. *Theory and typology of proper names*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. 600p.

LAUERMANN, Gabriela Cristina; SEIDE, Márcia Sipavicius. Correlação entre nome próprio e sobrenome na comunidade alemã de Marechal Cândido Rondon (1961): questões identitárias. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 1. e SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 3., 2012, Cascavel, PR. *Anais...* Cascavel-PR: Edunioeste, 2012. p. 1-12.

MÜLLER, Fernanda Gehring; SEIDE, Márcia Sipavicius. Relação entre a escolha antroponímica e a identidade étnica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 1., e SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 3., 2012, Cascavel, PR. *Anais...* Cascavel-PR: Edunioeste, 2012. p. 1-12.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Origem, significado e variantes de mais e 6.000 nomes próprios. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 551p.

REICHELER-BÉGUELIN, Marie Jose. Alternatives et écisions lexicales dans l'emploi des expressions démonstratives. *Pratiques*, n. 85, p. 53-87, 1995.

RUI, Fernandes. DICIONÁRIO a origem dos nomes. Disponível em: <<http://slideshare.net/jnr2706/dicionario-a-origem-dos-nomes>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SAATKAMP, Venilda. *Desafios, lutas e conquistas: Histórias de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel-PR: Assoeste, 1985.

SEIDE, Márcia Sipavicius; SCHULTZ, Benilde Socreppa. Linguagem, cognição e identida-

de: o estatuto dos nomes próprios. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Org.). *Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. VII. Campo Grande -MS: Ed. UFMS 2014. p.143-166.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevância: comunicação e cognição*. Tradução de Helen Santos Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 [1995] 600p.

WEIRICH, Udilma Lins. *História e Atualidades: Perfil de Marechal Cândido Rondon*. Paraná: Germânica, 2004. 300p.

ANEXOS

Tabela 1: Nomes femininos preferenciais no *corpus* total (20 nomes)

Posição	Frequência	Prenomes
1.	16	Maria
2.	14	Cristina
3.	06	Aparecida/Patricia/Regina/ Jéssica/Aline
4.	04	Ana/ Camila/Caroline/Carolina/ Debora/Rafaela
5.	03	Andreia/Andressa/ /Cristiane / Daiane/Elisa/Lurdes/ Rosani

Tabela 2: Nomes masculinos preferenciais no *corpus* total (9 nomes)

Posição	Frequência	Prenomes
1.	16	Luiz
2.	09	Alexandre/Carlos
3.	08	Henrique
4.	07	Jair/ Roberto
5.	06	Pedro/Eduardo/José

Tabela 3: Prenomes femininos preferenciais na comunidade germânica

Posição	Prenome	Nº de ocorrência	Nº de ocorrência na comunidade não germânica
1.	Maria	10	07
2.	Cristina	08	06
3.	Aline/Regina/ Jéssica	05	01/ZERO/01
4.	Patrícia	03	03

Tabela 4: Prenomes masculinos preferenciais na comunidade germânica

Posição	Prenome	Nº de ocorrência	Nº de ocorrência na comun. não germânica
1.	Luiz	13	03
2.	Alexandre/Carlos/ Pedro/Jair	05	04/03/01/02
3.	Henrique	04	04

Tabela 5: Comportamento frequencial dos prenomes da comunidade germânica: nomes femininos

Prenomes candidatos a nome tradicional	Frequência do prenome nas famílias de cultura germânica em 1961	Frequência total em nascidos de 1961 a 2001	Existência de registros em nascidos após 1961
1. Maria	23	17 (1º nome 10, 2º nome 7)	Sim
2. Ana	09	Zero	Não
3. Vilma/Wilma	08	01	Ñão
4. Olga	07	Zero	Não
5. Rosa	05	Zero	Não
6. Emilia	04	Zero	Não

Tabela 6: Comportamento frequencial dos prenomes da comunidade germânica: nomes masculinos

Prenomes candidatos a nome tradicional	Frequência do prenome nas famílias de cultura germânica em 1961	Frequência total em nascidos de 1961 a 2001	Existência de registros em nascidos após 1961
1. João	16	05	Sim
2. Carlos	12	08	Sim
3. Pedro	11	05 (1º nome: 2; 2º 1)	Sim
4. José	09	04 (1º nome: 1; 2º nome 3)	Sim
5. Adolfo	06	01 (2º nome)	Sim
5. Frederico	06	Zero	Não
6. Jacob	05	Zero	Não
6. Alberto	04	01 (2º nome)	Não
6. Francisco	04	01 (2º nome)	Sim
6. Oscar	04	Zero	Não
6. Jorge	04	03 (1º nome simples: 2; 2º nome)	Não
6. Ervino	04	Zero	Não
6. Alísio	04	Zero	Não
7. Aloysio/Aloisio	02	01 (2º nome)	Não